

O legado do streaming: o papel do telejornal entre o VT e o ao vivo ¹

Guilherme MAIA²

Leandro Olegário³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo questiona as diferenciações do modelo informacional adotado pelas emissoras nos telejornais regional e nacional. A partir da perspectiva da teoria do Newsmaking, a pesquisa observa o conteúdo produzido pela TV Globo/RBS TV durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Tendo como objetos o RBS Notícias e o Jornal Nacional, a pergunta norteadora é: qual formato denota mais aspectos informacionais nos telejornais disponíveis no streaming: as entradas ao vivo ou o VT? O estudo comparativo demonstra que as TVs regionais priorizam o engajamento local através de transmissões ao vivo, enquanto as emissoras nacionais buscam uma produção mais elaborada com maior uso de VTs.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Formato televisivo; Reportagem; Vídeo por demanda; comunicação.

1. Introdução

O conceito de fluxo televisivo, proposto por Raymond Williams (2004), posiciona a televisão como um meio de comunicação de massa que ocupa um espaço intermediário entre conteúdo e tecnologia. Esta conceptualização oferece um paradigma valioso para a análise da evolução do meio televisivo no contexto contemporâneo da convergência midiática. A partir desta perspectiva, é possível observar que as transformações tecnológicas recentes têm provocado alterações significativas tanto no âmbito do conteúdo quanto no domínio tecnológico. Estas transformações bidirecionais - no conteúdo e na tecnologia - sugerem uma reconfiguração do fluxo televisivo conforme concebido originalmente por Williams (2004). O ambiente digital contemporâneo propicia uma experiência de consumo midiático mais fragmentada e personalizada, onde o espectador possui maior autonomia na seleção e no sequenciamento do conteúdo.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista e pesquisador. E-mail: guilhermemmgoncalves@gmail.com

³ Doutor em Comunicação pela PUCRS. Jornalista, professor e pesquisador. E-mail: leandro.olegario@gmail.com

Consequentemente, o conceito de fluxo, antes predominantemente linear e controlado pelos broadcasters, adquire características mais fluidas e multidirecionais. Neste cenário de convergência, a televisão, como meio, encontra-se em um processo de redefinição, no qual as fronteiras entre diferentes plataformas midiáticas se tornam cada vez mais permeáveis. Portanto, a concepção de Williams (2004) sobre o fluxo televisivo permanece relevante como ponto de partida para a análise das transformações midiáticas contemporâneas, oferecendo um arcabouço teórico que pode ser adaptado e expandido para compreender as complexidades da televisão na era da convergência digital.

Mittel (2012) propõe uma análise da narrativa televisiva contemporânea, introduzindo o conceito de complexidade narrativa como um paradigma que desafia as convenções tradicionais de serialização e estruturação episódica. Esta abordagem enfatiza a sofisticação formal e estética do enredo, priorizando a integridade e profundidade do conteúdo narrativo. O autor argumenta que “ao examinar a complexidade narrativa como um modelo narrativo, estou seguindo um paradigma da poética histórica que situa os progressos formais dentro de contextos históricos específicos de produção, circulação e recepção” (MITTEL, 2012, p. 32). Esta perspectiva situa a evolução das estruturas narrativas dentro de um contexto histórico-cultural mais amplo, reconhecendo a influência mútua entre as inovações formais e as condições socioeconômicas e tecnológicas de sua produção e consumo.

Dessa maneira, o jornalismo televisivo, como meio de comunicação de massa, tem evoluído significativamente ao longo das últimas décadas, adaptando-se às mudanças tecnológicas e às novas demandas do público. Neste contexto, a estruturação e apresentação das reportagens desempenham um papel fundamental na eficácia da transmissão de informações e na capacidade de engajar os telespectadores. As transformações sociais e tecnológicas das últimas décadas têm provocado alterações substanciais nos paradigmas de produção, circulação e consumo midiático. Fausto Neto (2011, p. 17) oferece uma análise perspicaz dessa reconfiguração, argumentando que a dinâmica entre produtor e receptor no contexto midiático contemporâneo sofreu uma metamorfose significativa, com implicações profundas para a produção simbólica. Segundo o autor, essas mudanças se manifestam de forma mais proeminente em três dimensões fundamentais: (1) nos formatos produtivos, (2) nas novas modalidades de

enunciação e (3) nas interações estabelecidas com os grupos sociais, tradicionalmente categorizados como receptores. Esta tríade de transformações delineada por Fausto Neto evidencia uma reconfiguração profunda no ecossistema midiático. O modelo unidirecional de comunicação cede lugar a um paradigma mais complexo e multidirecional, onde as fronteiras entre produção e recepção se tornam cada vez mais fluidas e permeáveis.

2. O telejornalismo e VOD: teoria para a prática

Machado (2000) sustenta que para realmente compreender como funciona um telejornal é preciso, portanto, abstrair os seus aspectos episódicos e enfrentar o desafio mais difícil, que é a sua forma significativa e com efeito de mediação.

A menos que nós próprios sejamos os protagonistas, os eventos surgem para nós, espectadores, mediados através de repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir “versões” do que acontece. (Machado, 2000, p.102)

Machado (2000, p.104) argumenta que o telejornal apresenta uma notável consistência em sua estrutura e abordagem, independentemente do contexto político, econômico ou cultural em que opera. O autor observa que o formato do telejornal, incluindo sua forma de se dirigir ao público, o tom de voz utilizado e o repertório visual, mantém-se largamente inalterado em diferentes regimes políticos, modelos de gestão institucional (seja privado ou público) e níveis de desenvolvimento econômico e cultural. Além disso, o autor enfatiza que o telejornal funciona primariamente como um espaço de enunciação sobre os eventos noticiados. Ele destaca a diversidade de vozes que se manifestam neste espaço, alternando-se, contrapondo-se e substituindo-se mutuamente. Cada uma dessas vozes, segundo o autor, apresenta seu próprio discurso em relação aos fatos relatados, expressando perspectivas e interpretações distintas dos eventos em questão.

A estruturação das reportagens televisivas desempenha um papel crucial na captação e manutenção da atenção do telespectador. Historicamente, anterior ao advento da internet, as reportagens eram compostas por cinco elementos fundamentais, conforme elucidado por Carravetta (2009, p. 143-144): "a reportagem contém todas as formas de apresentação da notícia. Ela constitui-se de cinco partes fundamentais: cabeça, off,

sonora, stand up e pé". Nesta estrutura, a "cabeça" refere-se ao texto introdutório lido pelo apresentador; o "off" consiste no texto narrado pelo repórter; a "sonora" compreende as entrevistas realizadas com as fontes; o "stand up" representa o momento em que o repórter aparece na tela; e o "pé" caracteriza-se como o texto conclusivo, também proferido pelo apresentador. A organização destes elementos constitui o processo de edição da reportagem, que, no contexto televisivo, está intrinsecamente ligada ao conceito de imagem. O jornalismo televisivo utiliza-se da imagem como recurso ilustrativo dos eventos, servindo como suporte, esclarecimento ou, em certos casos, substituindo integralmente o texto verbal. (Curado, 2002)

A edição de imagens na televisão pode ser analisada sob três perspectivas distintas, conforme proposto por Vizeu (2010). A primeira abordagem concentra-se no enquadramento, que diz respeito ao posicionamento da lente em relação ao objeto. A segunda perspectiva integra o enquadramento às estruturas presentes no discurso, funcionando como um recurso para enfatizar o conteúdo textual. A terceira abordagem concebe as imagens como modelos socioculturais que organizam a percepção do mundo, representando diferentes formas de compreensão da realidade. É importante ressaltar que estas três abordagens não são mutuamente excludentes, mas sim interconectadas e complementares.

As premissas de formato e linguagem do telejornalismo continuam vigentes. Todavia, o consumo emergente das plataformas de vídeo-on-demand (VOD) representa uma transformação paradigmática no consumo de conteúdo audiovisual, conferindo ao espectador um grau de autonomia sem precedentes. O conceito de VOD representa uma mudança aguda em relação aos modelos anteriores de distribuição digital de conteúdo, que exigiam o download completo do arquivo ou um período de carregamento antes da reprodução. A tecnologia VOD introduz funcionalidades que ampliam significativamente o controle do usuário sobre a experiência de visualização, incluindo a capacidade de pausar, retomar, avançar ou retroceder o conteúdo conforme desejado.

A tecnologia de streaming, em particular, subverteu o modelo tradicional de transmissão televisiva, no qual o telespectador estava 'pressionado' pelos horários fixos de programação da televisão aberta. Observa-se uma significativa flexibilização temporal e espacial do consumo midiático, quebrando a sincronia de rotina e programação da

televisão aberta, por exemplo. Plataformas como YouTube e Globoplay são exemplos desta nova dinâmica.

3. Estratégias metodológicas

Dessa forma, o presente estudo propõe-se a analisar as distinções no modelo informacional adotado pelas emissoras de televisão em seus telejornais de âmbito regional e nacional. Fundamentando-se na teoria do *Newsmaking*, esta investigação examina o conteúdo produzido pela TV Globo/RBS TV durante os eventos de inundação no estado do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, procura demonstrar de que forma os acontecimentos cotidianos ganham espaço na mídia. No horizonte do *Newsmaking* se colocam, dentro de vários temas possíveis, os conhecidos estudos sobre *Gatekeeping* ou filtragem da informação, que se distingue totalmente da censura, por sua perspectiva distinta da ideologia e mais vinculada às rotinas de produção da informação, verificáveis, assim, tanto entre a mídia capitalista quanto na socialista, por exemplo. (Hohlfeldt, 2011, p. 204)

Os objetos de análise selecionados são o RBS Notícias, de abrangência regional, e o Jornal Nacional, de cobertura nacional. A questão central que norteia esta pesquisa é: qual formato de apresentação - entradas ao vivo ou reportagens em vídeo (VT) - evidencia maior densidade informacional nos telejornais disponibilizados via streaming?

Como método de pesquisa, procurou-se utilizar as pesquisas bibliográfica e exploratória e a técnica da Análise de Conteúdo, para poder comparar as reportagens nos formatos ao vivo e gravado. Dessa maneira, por meio de um estudo comparativo, o estudo tem como *corpus* a edição do RBS Notícias e do Jornal Nacional em 17 de maio de 2024, ambos ancorados em Porto Alegre. A data foi escolhida de modo aleatório, considerando o contexto da cobertura das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul e resultaram em dezenas de mortos e milhares de desabrigados. A partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), estabelece-se as categorias:

Quadro 01 – Categorias de análise dos telejornais

Formato:	Contabilizar e comparar o número de reportagens gravadas e ao vivo em cada telejornal.
----------	--

Tempo:	Medir a duração média das reportagens gravadas e ao vivo.
Conteúdo:	Identificar o assunto/editoria abordado na reportagem.
Fontes:	Categorizar as fontes utilizadas em cada tipo de reportagem.

Fonte: Autores, 2024.

A partir disso, adota-se uma abordagem quanti-qualitativa para interpretação dos dados, avaliando se há diferenças significativas no tempo dedicado a cada formato entre os programas e identificar diferenças e similaridades entre o formato ao vivo e o gravado. Assim sendo, propõem-se a triangulação dos resultados, integrando os dados quantitativos e qualitativos de todas as descobertas anteriores.

REFERÊNCIAS

CARRAVETTA, Luiza Maria Cezar. **Construindo o Telejornal**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

FAUSTO NETO, Antônio. Transformações do jornalismo na "sociedade em vias de midiaticização". In: FAUSTO NETO, Antonio; FERNANDES, José David Campos (Orgs.). **Interfaces Jornalísticas**. Ambientes, Tecnologias e Linguagens. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. P. 17-33.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINHO, Luiz C. et FRANÇA, Vera V. (org). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Vozes. 2001.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. Editora: Senac. 2000

MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. In: Revista **MATRIZES**, v. 5, n. 2, p. 29-52, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38326> . Acesso em: 20 jun. 2024.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; COUTINHO, Iluska (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. Nova York: Schoken book, 2004.